

## **História da tradução e novos desafios tradutórios na China contemporânea**

**Sara F. Costa<sup>1</sup>**

### **Resumo:**

Ao transpor obras de uma língua para outra, os tradutores erguem-se como guardiões do saber, desempenhando um papel essencial na propagação e enriquecimento do legado cultural da humanidade. Os tradutores são responsáveis por desfiar a rede que entrelaça nações, enaltece a diversidade e celebra a riqueza das expressões culturais. É imperativo, pois, lançar luz sobre a história da tradução na China, compreendendo o papel fulcral desempenhado por este meio de comunicação. Refletiremos sobre convenções linguísticas e buscas por equivalências que moldam instituições jurídicas, como o estado, que por sua vez regula questões ontológicas complexas sobre o indivíduo. Neste contexto, urge a necessidade de estudos abrangentes, que explorem a história da tradução na China, metodologia e conceitos ímpares, próprios de um lugar arredado da configuração etnocêntrica dos estudos da tradução, como é o caso da China. É através deste olhar crítico e reflexivo que podemos vislumbrar novos horizontes e compreender a verdadeira essência da comunicação intercultural.

**Palavras-Chave:** Estudos de Tradução, Teoria da tradução, História da Tradução na China, Estudos Chineses, História da China

---

<sup>1</sup> Sara F. Costa (1987) é licenciada em línguas e culturas orientais pela e Mestre em Estudos Chineses pela Universidade do Minho em parecia com a Universidade de línguas de Tianjin, China. É autora e tradutora. Em 2020 publicou uma antologia de poesia contemporânea chinesa por si selecionada e traduzida, “Poética Não Oficial” (Editora Labirinto, 2020). É cronista no jornal Hoje Macau e membro da direção da APWT (Asian-Pacific Writers and Translators). Obteve em 2021 uma bolsa de criação literária do governo português na área da poesia. É especialista em Estudos Portugueses – Especialidade de Literatura e encontra-se a concluir a tese doutoramento em Estudos Portugueses na Universidade Aberta com uma tese que se propõe a analisar as traduções de poesia chinesa levadas a cabo por Camilo Pessanha. É Assistente Convidada no ISCAP - Instituto Politécnico do Porto e professora de línguas no Babelium, centro de línguas da Universidade do Minho.

**Abstract:**

By transposing works from one language to another, translators emerge as guardians of knowledge, playing an essential role in disseminating and enriching humanity's cultural heritage. Translators are responsible for weaving the intricate web that intertwines nations, exalts diversity, and celebrates the richness of cultural expressions. It is imperative, therefore, to shed light on the history of translation in China, and understand the pivotal role played by this means of communication. We will reflect on linguistic conventions and quests for equivalences that shape legal institutions, such as the state, which regulate complex ontological issues about the individual. In this context, there is an urgent need for comprehensive studies that explore the history of translation in China, methodology, and unique concepts, characteristic of a place removed from the ethnocentric configuration of translation studies, as is the case with China. Through this critical and reflective lens, we can glimpse new horizons and understand the true essence of intercultural communication.

**Keywords:** Translation Studies, Translation Theory, History of Translation in China, Chinese Studies, History of China

**摘要:**

通过将作品从一种语言转换成另一种语言，译者们成为知识的守护者，在传播和丰富人类文化遗产方面发挥着至关重要的作用。译者们负责编织将国家联系在一起的复杂网络，歌颂多样性，庆祝文化表达的丰富性。因此，必须阐明中国翻译史，理解这种沟通方式所起的关键作用。我们将反思塑造法律制度（如国家）的语言惯例和等价物的追求，这些制度反过来又对个体的复杂本体论问题进行调整。在这种情况下，急需全面研究中国翻译史、方法论和独特概念，这些概念是与翻译研究的民族中心化配置不同的地方的特征，中国正是其中之一。正是通过这种批判性和反思性的视角，我们才能窥见新的视野，并理解跨文化交流的真正本质。

**关键词:** 翻译研究、翻译理论、中国翻译史、中国研究、中国历史

Os estudos da tradução desempenham um papel fundamental na promoção da compreensão intercultural, na preservação do património literário e na facilitação da comunicação global. A importância dos estudos da tradução reside na sua capacidade de mediar entre idiomas e culturas, permitindo que obras literárias, científicas, técnicas e outros textos sejam acessíveis a um público mais vasto. Ao traduzir obras de uma língua para outra, os tradutores desempenham um papel vital na disseminação e difusão do conhecimento, enriquecendo assim o património cultural da humanidade, e promovendo uma apreciação mais profunda das nuances linguísticas e culturais, levando à valorização da diversidade e da riqueza das diferentes expressões culturais em todo o mundo. No campo da teoria da tradução, existem diversas obras consideradas fundamentais que oferecem uma visão abrangente sobre os princípios, métodos e debates dentro desta disciplina. Entre elas, destacam-se *“Translation, systems and research: The contribution of polysystem studies to translation studies.”* de Lambert, mas outros prolíferos académicos da área são também Hendrik Van Gorp e Peter Fawcett, que analisa as teorias desenvolvidas ao longo dos séculos no continente europeu. Na obra *O escândalo da tradução* de Lawrence Venuti exploramos as correntes teóricas mais recentes na tradução, como a teoria da desigualdade cultural e a teoria pós-colonial. Umberto Eco, também merece menção pela identificação de vários desafios da prática de tradução, sobretudo no livro *Experiences in translation*. Por sua vez, Edwin Gentzler, em *Contemporary translation theories*, discute abordagens como o funcionalismo e o pós-estruturalismo.

A história da tradução da literatura ocidental tem recebido uma atenção significativa ao longo dos anos, com uma ampla gama de estudos, pesquisas e publicações dedicadas a esse tema. A tradução de obras clássicas da literatura europeia e anglo-saxónica, bem como a influência dessas traduções na formação da cultura literária ocidental, têm sido áreas de interesse particular. Por outro lado, a história da tradução chinesa tem sido menos explorada na academia ocidental. Esta situação provém de vários fatores nos quais se incluem as diversidades linguísticas e culturais, o acesso limitado a materiais e fontes de pesquisa, e uma desconsideração pela importância da tradução chinesa para o cânone literário global. No entanto, é importante notar que nos últimos anos tem havido um aumento do interesse e da pesquisa na área da tradução chinesa na academia ocidental.

Uma das académicas mais dedicada a este tema é Lydia H. Liu. O seu trabalho incide sobre o impacto da tradução na cultura e sociedade chinesas e é particularmente pertinente nos livros *Translingual Practice: Literature, National Culture, and Translated*

*Modernity—China, 1900-1937*<sup>2</sup> e *The Clash of Empires: The Invention of China in Modern World Making*<sup>3</sup>. Esta última obra com um olhar particularmente crítico e uma abordagem claramente pós-colonialista, onde a autora chama a atenção para a tradução histórica, a partir da qual derivam as divisões disciplinares das ciências humanas:

“Like Michel Foucault's work, which wrestled the archival method of research away from historicism and turned it into a means of genealogical inquiry(...)in the transformation of the subject of knowledge herself, Lydia Liu's work is constantly mindful of the overwhelming prejudice that continues even today to structure the entire economy of comparison from which the disciplinary divisions of the human sciences derive their legitimacy.”  
(Solomon, 2008)<sup>4</sup>

A autora defende que desde a antiguidade grega, se desencadeia a indeterminação ao longo da cadeia significativa, que sugere como "convenções" - tais como o uso linguístico e a equivalência tradutória que remetem, inevitavelmente, na era moderna, para instituições jurídicas como o estado, que regulam uma série de questões ontológicas complexas relacionadas com o estatuto do indivíduo. Por outro lado, Martha P.Y. Cheung, mais conhecida pela obra *An Anthology of Chinese Discourse on Translation: From Earliest Times to the Buddhist Project*<sup>5</sup> argumenta que a tradução não é apenas uma questão técnica, mas também uma prática que molda e é moldada por contextos históricos, sociais e políticos. A autora concentra-se em analisar a forma como as traduções podem refletir e influenciar as relações de poder entre diferentes grupos sociais e países. (Cheung, 2010). Já Burton Watson, conhecido pelas suas próprias traduções da literatura chinesa clássica para o inglês, também deixou uma marca significativa no campo do estudo da tradução chinesa. Em *Records of the Grand Historian of China*<sup>6</sup> o principal tradutor para inglês de Sima Qian (司马迁)<sup>7</sup>, o autor reflete sobre a tradicional prática de começar uma história dinástica com um conjunto de "Anais Imperiais", seguidos por tabelas

---

<sup>2</sup> Liu, L. H. (1995). *Translingual practice: Literature, national culture, and translated modernity—China, 1900-1937*. Stanford University Press.

<sup>3</sup> Liu, L. H. (2006) *Clash of Empires: The Invention of China in Modern World Making*,

<sup>4</sup> Solomon, J. (2008). Review of Lydia H. Liu, *The Clash of Empires: The Invention of China in Modern World Making*. *Bryn Mawr Review of Comparative Literature*, 7(1), 2

<sup>5</sup> Cheung, M. (2006). *An Anthology of Chinese Discourse on Translation: From Earliest Times to the Buddhist Project* (volume 1) Manchester: St Jerome.

<sup>6</sup> Watson, B. (2019). *Records of the grand historian of China*.

<sup>7</sup> Sima Qian (司马迁) foi um historiador chinês do século II a.C., considerado frequentemente como o "Pai da História Chinesa".

cronológicas e terminando com um conjunto de biografias. Ele defende que esta formulação da narrativa da história da China provém do livro do historiador “*Shi-ji*”<sup>8</sup>.

Os estudos chineses têm conquistado proeminência em países anglo-saxónicos, nomeadamente, os Estados Unidos, o Reino Unido, o Canadá, a Austrália e alguns países europeus, como França, Alemanha e Holanda. Nesses países proliferam instituições académicas, centros de investigação e programas de estudos chineses de renome internacional, que frequentemente beneficiam de recursos e financiamento. Em Portugal, existe uma lacuna de académicos capazes de investigar estas questões. Achamos fundamental conhecer os estudos da tradução na China também em Portugal.

Consideraremos as seguintes fases de atividade de tradução na China de acordo com as mudanças que foram ocorrendo no panorama político, social e cultural do país ao longo de distintos períodos da sua história:

A **primeira fase** teve lugar durante a dinastia Han, quando a China começou a traduzir textos budistas provenientes do sânscrito. Este período é importante pois assinala o início da tradução organizada na China e a implementação do budismo no país. A **segunda fase** iniciou-se com a chegada dos missionários jesuítas no final do século XVI. Durante este tempo, as traduções focaram-se primariamente em textos cristãos, científicos e tecnológicos. Esta etapa foi crucial para introduzir a China às ideias e conhecimentos científicos ocidentais. A **terceira fase** iniciou-se em meados do século XIX, quando a China foi forçada a abrir-se às potências ocidentais. Neste período, os intelectuais chineses começaram a traduzir textos ocidentais numa tentativa de modernizar e fortificar a nação. A **quarta fase** começou no final dos anos 1950 e foi interrompido pela Revolução Cultural. Retomou no final dos anos 1970, quando a China decidiu abrir-se ao mundo exterior. Durante esta etapa, a tradução na China focou-se tanto na tradução de obras de outras nações socialistas, como a União Soviética, como na tradução das obras do Presidente Mao para línguas ocidentais. Cada uma destas fases está fortemente ligada às circunstâncias históricas e sociais do país naquele período específico. A tradução desempenhou um papel fundamental na assimilação de novos pensamentos, ideias e conhecimentos de outros países.

Os primeiros exercícios de tradução na China remontam à dinastia Zhou (1100 a.C.). Documentos da época indicam que a tradução era realizada por funcionários

---

<sup>8</sup> A obra monumental de Sima Qian intitulada “*Registos de um Historiador*” ou “*Shiji*” (史记).

governamentais, que estavam principalmente preocupados com a transmissão de ideologias. Num documento escrito do final da dinastia Zhou, Jia Gongyan, um erudito imperial, definiu a tradução como: "a tradução consiste em substituir uma língua escrita por outra sem alterar o significado para uma compreensão mútua." (Zhong, W. 2003). Contudo, a tradução como modo de disseminação de ideias começa verdadeiramente durante a dinastia Han (206 a.C. - 220 d.C.), um período durante o qual a China começou a traduzir textos budistas do sânscrito. Este momento marcou o início do Budismo na China, e a tradução desempenhou um papel crucial na sua difusão. As primeiras traduções de sutras budistas por monges budistas indianos e da Ásia Central, encetam a história da tradução no país. Nessa era, um número significativo de monges chineses já estava a braços tanto com as doutrinas budistas quanto com a língua sânscrita. A tradução das escrituras budistas teve o seu início durante a Dinastia Han Oriental (25-220) e prosseguiu ao longo das Dinastias Tang (618-907) e Song (960-1279). Neste período destacaram-se tradutores como An Shigao 安世高, Dào Ān 道安, e Amoghavaira.

Podemos afirmar que esta era delineou certos padrões de pensamento sobre a tradução, embora estes não fossem tão sistemáticos que pudessem ser classificados como teorias de tradução. Os tradutores debatiam frequentemente questões relacionadas com a quintessência da tradução livre versus a tradução literal. Este debate é considerado o início dos estudos de tradução na China. A reflexão de Dao An 道安 sobre 'Wu Shi Ben' 五失本 (ou "cinco casos em que o significado original se perde"), foi o primeiro registo dos argumentos debatidos. (id.) No período compreendido entre a Dinastia Han do Oriente 東漢 (25 - 220 d.C.) e a Wei 魏 (220 - 265 d.C.), Luoyang (洛陽), uma cidade localizada na província de Henan, emergiu como o epicentro da tradução budista na China. Contudo, a sua preponderância foi eclipsada por Chang'an (長安), província de Sha'anxi, durante a Dinastia Jin do Ocidente 西晉 (265 - 316). Foi nesta época que o missionário poliglota Dharmarakṣa (de nome chinês Zhu Fahu 竺法護), ativo aproximadamente entre 266 – 308, se deslocou de Dunhuang para aquela cidade, por volta de 265 d.C. Dharmarakṣa (c. 233–310), foi um dos mais prodigiosos tradutores de textos budistas para o chinês. Nascido numa família de origem iraniana na cidade de Dunhuang, na atual província de Gansu, iniciando a sua vida monástica aos seis anos de idade. Ao longo de sua vida, Dharmarakṣa viajou extensivamente pela Índia e pela Ásia Central para estudar o Budismo diretamente das suas fontes, antes de retornar à China para empreender a tarefa

monumental de traduzir os sutras budistas para o chinês. (Boucher, D. J. 1996) As suas traduções foram instrumentais para a introdução do Budismo na China e tiveram um impacto duradouro na forma como o Budismo foi entendido e praticado na China. Um dos seus trabalhos mais conhecidos é a tradução do Sutra do Lótus, um dos textos budistas mais influentes, que se tornou central para várias escolas do Budismo Mahayana. (Lopez, D. S. 2016). Com o início de uma atividade missionária intensa, promoveu o desenvolvimento da comunidade budista local, englobando tanto membros da aristocracia shi (士)<sup>9</sup> como indivíduos das camadas populares shu (庶)<sup>10</sup>. Diz-se que ele fundou um mosteiro fora do Portão Qing (Qing men 青門) e que praticou o Caminho Budista com tal dedicação que a sua influência moralizadora se propagou. (Zhong, W. 2003)

Apesar das intermináveis guerras e desordens que assolavam o norte da China, milhares de discípulos alcançaram a capital para venerá-lo como seu mestre. Dharmarakṣa via a tradução como uma atividade coletiva articulada num processo tríplice, que se manteve essencialmente inalterado até meados do século V. Os tradutores possuíam hierarquias entre si, designadamente:

- O "tradutor" principal, *yiren* (譯人), era geralmente um monge estrangeiro que recitava a escritura estrangeira na sua língua, normalmente em sânscrito;
- **Um "intérprete bilíngue"** (chuan suyu zhe 傳俗語者) - monge das regiões fronteiriças do oeste da China que traduzia oralmente para chinês as palavras do mestre estrangeiro;
- **Um escriba** - geralmente um monge chinês idoso, educado e experiente que anotava com o pincel (bishou 筆受) a tradução oral, geralmente reformulando-a num estilo literário refinado. O texto escrito era então sujeito a correções (zhengyi 正義) e revisões (canjiao 參校) antes de ser finalmente "estabelecido" (ding 定).

Os budistas procuravam explicar os seus conceitos com clareza, utilizando a língua e o contexto social. Um exemplo desses conceitos é o "Geyi" que se desenvolve enquanto método budista chinês do século III. Trata-se de uma forma de encontrar

---

<sup>9</sup> "士" é geralmente traduzido como "cavalheiro" ou "erudito" e é comumente usado para se referir a indivíduos instruídos ou de elevada posição social na sociedade tradicional chinesa.

<sup>10</sup> "庶" é um termo antigo que pode ser traduzido como "comum" ou "plebeu", muitas vezes usado para se referir a pessoas comuns, em contraste com a nobreza ou a classe governante.

correspondências entre a terminologia em sânscrito do cânone budista e termos comparáveis aos dos clássicos chineses.

Logo aqui, ao utilizarmos o termo “correspondência” deparamo-nos, de forma muito empírica, com a problemática da tradução deste conceito. A palavra chinesa géyì é composta por dois termos. Gé 格 - um carácter fonético-semântico (形聲字) escrito com o "radical de madeira" indicando "grelha; padrão" e um indicador fonético gē 各 - é definida como: "substantivo “grelha”; “quadrados humanos”; Enquanto o chinês yì 義 comumente se traduz por "significado; conceito, correspondência". Assim, elaboramos uma tabela para tornar a problematização do conceito mais clara:

Romanização	CNS	CS	Radical	Significado
gé	格	格	madeira	grelha; padrão
yì	義	义	ponto	significado, retidão

A tradução, ainda que imprecisa, de géyì para o português seria "significados correspondentes". (Mair, V. H. 2012) A técnica dos significados correspondentes consistia em correlacionar as enumerações de itens (shishu 事數) nos sutras com escritos não budistas. Dao'an aprendeu esta abordagem com Zhu Faya 竺法雅 (primeira metade do século) entre 335 e 348 enquanto residia em Ye 鄴 (perto de Linzhang 臨漳, no sul. Ele usou o conceito não apenas numa atitude pedagógica, mas também utilizando-o como um dispositivo hermenêutico para chegar ao significado das escrituras.

Foi após fugir para Huoze - por volta de 350 d.C. - que Dao Na começou a questionar a abordagem *geyi* e tentou, em vez disso, dar sentido às passagens difíceis nas escrituras budistas concentrando-se na análise textual, uma prática que o fez descobrir nos sutras muitos erros e inconsistências que foi classificando e categorizando, tais como:

- Judao 句倒: escrita de frases de forma inversa;
- Tuozi 脫字: palavras em falta;
- cuozi 錯字: caracteres errados;
- Shi ci 失次: sequência errada de termos;
- Jingwen yishi 經文佚失: partes em falta.

Esta categorização permitia também explicar o significado de certos caracteres no contexto específico em que foram encontrados. Outros parâmetros faziam parte da teoria de tradução de Dao An. Defendia, por exemplo, a crença de que não deveria haver nenhuma distinção hierárquica entre os mestres anteriores (designados em chinês por *xian* 先) e os exegetas posteriores designados em chinês por *hou* 後); a adoção do princípio da "plausibilidade" (*yunqie* 允愜) ao explicar o significado das sūtras, em oposição ao princípio da autoridade, que poderia levar à aceitação acrítica das visões dos mestres anteriores. É imperativo realçar a transição fundamental de *geyi* 格義 para a análise textual e, subsequentemente, para a tradução, que foi concretizada na derradeira fase da vida de Dao'an. Esta transição reflete um desenvolvimento preponderante que se verificou na tradição chinesa dominante, no seio do Budismo.

Durante a dinastia Han, a interpretação oficial padrão dos Clássicos fundamentava-se no conceito de correspondência intrínseca e influência recíproca entre o cosmos e o mundo humano. Era comum recorrerem à expressão "天人感应" (*tiān rén gǎn yìng*) para explicar o mundo. Essa expressão pode ser traduzida literalmente como "resposta ou correspondência entre o céu e o homem" e sugere uma conexão mística ou metafísica entre as ações humanas e os fenómenos naturais. Por outras palavras, existia a crença generalizada de que o comportamento e as ações das pessoas podiam influenciar o curso da natureza ou dos eventos celestiais e vice-versa. Os Clássicos encapsulavam uma verdade cósmica que, apesar de não ser intrinsecamente evidente no texto numa primeira análise, deveria ser exposta pelos exegetas, estabelecendo as correspondências entre o próprio texto e o cosmos. Nesta operação, categorias numéricas, principalmente o *yin-yang* 陰陽 e os Cinco Elementos (*wu xing* 五行), desempenharam um papel fulcral. Este género de exegese deu origem a uma série de comentários, conhecidos como *zhangju* 章句, que se reproduziram em diferentes traduções e acabavam por cair em extensas e divagantes explicações que por vezes negligenciavam a coerência do texto como uma unidade significativa. Wang Chong 王充 (ca. 27 - 100) e Xu Shen 許慎 (58? - 147?) já haviam alertado para as falhas desta abordagem. Prosseguindo a prática iniciada pelo bibliotecário imperial Liu Xin 劉歆 (1º séc. AC) de explicar os textos recorrendo a antigos comentários (*zhuan* 傳) em vez de se basear em teorias cosmológicas, optaram por uma abordagem exegética mais austera, com o intuito de "transmitir unicamente aquilo que os

antigos sábios originalmente pretendiam"<sup>11</sup> e procurando apreender o sentido abrangente de um texto, em vez de isolar expressões singulares e elaborá-las. Esta análise exegética rejeitou a legitimidade de qualquer estratégia de leitura baseada em pensamento imposto externamente e estabeleceu a noção do texto como uma unidade na qual o material primário para explicação e interpretação deveria ser extraído do próprio texto.

Foi Xuanzang, o primeiro a abordar o problema da intraduzibilidade e deixou-nos os princípios de "Wu bu fan" (五不翻) que se traduz aproximadamente como "Cinco Instâncias em Que os Termos Não Devem Ser Traduzidos".

São elas:

- I. Palavras que já são bem conhecidas ou familiares para o público-alvo;
- II. Palavras que não têm equivalente na língua-alvo;
- III. Palavras que têm múltiplos significados na língua de origem;
- IV. Palavras que, se traduzidas, perderiam o seu significado original ou a nuance da língua de origem;
- V. Nomes de pessoas, lugares e coisas específicas.

Estes princípios mostram um reconhecimento precoce das complexidades da tradução, incluindo a ideia de que nem tudo pode ou deve ser traduzido diretamente de uma língua para outra. Uma segunda fase pode ser identificada e remetida para a chegada do missionário italiano Michael Ruggieri (1543-1607) às margens de Cantão em 1580. Este período estendeu-se aproximadamente por 200 anos, durante os quais as obras traduzidas deixaram de ser budistas e passaram a lidar com o Cristianismo, a ciência e a tecnologia. Os missionários publicaram um total de 300 obras na China, 120 das quais relacionadas com ciência e tecnologia. Entre os colaboradores chineses que trabalharam com estes missionários estrangeiros em traduções científicas e técnicas encontravam-se Xu Guangqi (1562-1633), Li Zhizao (1565-1630) e Li Tianjing (1579-1660). Xu Guangqi teve um papel particularmente ativo na construção de teorias sobre a tradução. Segundo o tradutor, "para superar os países ocidentais, devemos aprender e conhecer as coisas do e sobre o Ocidente; para isso, devemos traduzir obras escritas por autores ocidentais" (Prefácio ao Almanaque, Xu, Volume 8: 374). Xu tinha a intenção de aprender com o conhecimento ocidental, que considerava muito importante para a China. A relevante colaboração entre Xu Guangqi com o jesuíta italiano Matteo Ricci, permitiu a tradução

---

<sup>11</sup> “但念述先聖之元義思”(Zheng Xuan's biography 鄭玄傳, in Hou Han shu 後漢書, vol. 35)

de diversas obras fundamentais de matemática e ciência para a língua chinesa. Estas obras desempenharam um papel crucial na introdução de ideias científicas do Renascimento Europeu na China. Uma terceira fase da evolução do pensamento sobre a tradução desenvolve-se quando a China é forçada a abrir-se aos poderes imperialistas ocidentais em meados do século XIX. A linguagem, mais uma vez, acaba por transmitir ensinamentos de exploração e violência, como escreve Hevia, no livro “*English lessons: The pedagogy of imperialism in nineteenth-century China*”: “Guns not only force compliance, they also persuade. Words and images do not simply persuade, they also coerce.”

A fragilidade perceptível da China com as agressões externas tornara-se demasiado evidente e os chineses começaram a adquirir mais conhecimento científico com a intenção de fortalecer e proteger o seu país. Sabemos que o Império Qing tinha sido assolado por múltiplas potências ocidentais na segunda metade do século XIX. Mas, quando olharmos para centro do palco das agressões externas, encontramos Grã-Bretanha, principal responsável pelas Guerras do Ópio e cujos agentes diplomáticos e militares frequentemente concebiam o imperialismo e o colonialismo como processos pedagógicos, compostos por ensino e aprendizagem através da arma e da caneta. (Id.)

Não admira que as obras mais traduzidas na altura, se centrassem nas ciências sociais e militares.

Foi necessário alcançar um momento de paz para que tradução literária começasse a florescer. Tradutores notáveis deste período incluíram Lin Shu (1852-1924), Yan Fu (1853-1921) e Lu Xun (1881-1936). A abordagem à tradução levada a cabo por estes autores e tradutores envolvia a colaboração com intérpretes. Estes autores ouviam os textos literários lidos por interpretes e reescreviam-nos em chinês clássico. Este método ímpar imprimiu às suas traduções uma elegância literária que arrebatou a admiração dos leitores chineses daquela época. Algumas das mais célebres obras que traduziu incluem *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe, *David Copperfield* de Charles Dickens, *La Dame aux Camelias* de Alexandre Dumas, *Don Quixote* de Miguel de Cervantes, entre muitos outros. Algumas obras provocavam um alvoroço interno devido às mensagens sobre ética e poder. Foi o caso da tradução de *Evolution and Ethics and Other Essays*, de Henry Huxley, realizada por Yan Fu. O tradutor popularizou-se de forma tal que outros tradutores adotaram o método que Yan Fu preconizou e que, mais tarde, iriam ser referidos como “Os três caracteres de Yan Fu”. Estes caracteres eram resumidos pelos três caracteres chineses - Xin 信 (fidelidade), Da 达 (clareza) e Ya 雅 (elegância).

- Xin 信 (fidelidade): Yan Fu insistia na importância de manter a fidelidade em relação ao significado original do texto. De acordo com este princípio, o tradutor deve reproduzir o significado pretendido pelo autor original, evitando distorções ou omissões.
- Da 达 (clareza): Este princípio refere-se à acessibilidade do texto traduzido para o leitor. O texto deve ser inteligível para o leitor-alvo, utilizando uma linguagem clara e simples. Esta clareza também está ligada à necessidade de apresentar ideias e conceitos do texto de origem de forma coerente e lógica.
- Ya 雅 (elegância): Yan Fu considerava que a estética era um aspecto crucial da tradução. O tradutor e teórico acreditava que a elegância da linguagem pode contribuir para cativar com maior facilidade a atenção do leitor, apreciando não só as mensagens que o texto transmitia, mas também a forma como era escrito em chinês. Os princípios de Xin, Da e Ya foram estabelecidos num contexto de grande transformação social e cultural na China, num momento em que o país estava ainda a começar a abrir-se às influências estrangeiras. Estes princípios refletem a abordagem equilibrada de Yan Fu à tradução, que visava tanto a precisão como a legibilidade e a beleza estilística, enquanto mantinha uma sensibilidade ao contexto cultural chinês.

A quarta fase na história da tradução chinesa teve início no final da década de 1950. Apesar de ter sido interrompida pelo deflagrar da Revolução Cultural, retomou o seu ímpeto no final da década de 1970, quando a China decidiu abrir as suas portas ao mundo exterior. Numa fase inicial, os tradutores chineses dedicaram-se primordialmente à introdução de obras provenientes da União Soviética e à tradução das obras do Presidente Mao para línguas ocidentais. Estes exercícios de tradução de orientação política deram a conhecer aos chineses um grande número de obras russas e contribuíram para a formação de tradutores altamente qualificados na China. Por volta dos anos 70 do século XX, o país começou a adotar outras orientações. Lembremos Deng Xiaoping, o grande proclamador da necessidade de abrir as portas da China ao mundo. O boom tradutório da época traz consigo um desenvolvimento sem precedentes tanto na teoria quanto na prática da tradução. Desde 1989, existem projetos de grandes dimensões na área da tradução que são financiados pelo governo chinês. O número de simpósios sobre tradução também aumentou prodigiosamente (Fan e Wang 1999). Este ambiente sugere

que a China está agora a entrar numa nova era de atividade tradutória. Desde então, diversos institutos e departamentos de línguas estrangeiras foram estabelecidos. De acordo com dados recolhidos por Chi Limin, autor de *Modernization Through Translation: A Study of Science Translation in China (1890s–1900s)*, existiam em 1989 quase 400 universidades ou faculdades com departamentos de línguas estrangeiras, além dos institutos de línguas estrangeiras em Pequim, Xangai, Guangzhou, Tianjin e outras cidades, a maioria dos quais oferecia cursos de tradução e interpretação para estudantes de graduação. Até 1990, mais de 50 universidades e departamentos de línguas estrangeiras ofereciam mestrados em língua e literatura inglesa. Algumas universidades até implementaram programas de mestrado em Teoria e Prática da Tradução. Embora a tradução se tenha tornado uma área de estudo autónoma nas universidades chinesas há apenas duas décadas, o ensino da tradução tem vindo a captar crescente atenção. Em 1996, realizou-se o primeiro "Simpósio sobre o Ensino de Tradução" em Nanjing. Neste encontro, mais de uma centena de professores e licenciados em tradução de todo o país debateram sobre como aprimorar a investigação na área. Mu Lei apresentou um relatório sobre a situação corrente do ensino de tradução, incidindo sobre problemas como "a importância do ensino de tradução", "materiais didáticos", "formação de professores", entre outros temas. Yang Chengshu expôs sobre o ensino de tradução na Universidade Fu Ren, em Taiwan. Lin Zhang fez a distinção entre "tradução como método de ensino" e "tradução como objetivo de ensino", defendendo que os estudantes devem aprender teorias de tradução para além de estratégias de tradução. Outros académicos apresentaram comunicações sobre avaliação, materiais didáticos, formação de intérpretes e afins. Um simpósio realizado em 1997, em Hong Kong, sobre o ensino de tradução, abordou questões relacionadas com o ensino de tradução e teorias da tradução, tais como o desenho de programas de formação, a elaboração de manuais didáticos e a formação de docentes. Discutiram-se os problemas existentes no ensino de tradução e as suas possíveis soluções. Apontou-se que as teorias sobre o ensino de tradução na China ainda carecem de rigor, pensamento filosófico e princípios operacionais. Enquanto esta situação perdurar, o ensino de tradução será muito subjetivo. “O estudo da tradução deve ser descritivo, teórico e prático; científico e artístico; analítico e sintético” (Luo, 1998). Não é intenção deste artigo, investigar em particular o ensino do Português na China. Sabemos que os cursos de português têm proliferado. Um estudo levado a cabo por Carlos André na universidade do Minho em 2017 declara que:

*“em menos de uma dúzia de anos, o ensino do Português em universidades chinesas conheceu um dos maiores e mais rápidos desenvolvimentos que já alguma vez havia experimentado em todo o mundo: de seis universidades onde se ensinava português há dez anos atrás, passou-se, surpreendentemente, para trinta e sete, tantas são aquelas onde hoje o Português existe, em cursos de licenciatura ou em regime opcional.” (André, C. A., 2017)*

Há, portanto, uma necessidade premente de estudos abrangentes para descobrir as regras da tradução, incluindo o estudo da capacidade de tradução, das competências tradutórias, dos métodos de tradução e da história da tradução.

Concluimos que a atual conjuntura dos estudos de tradução na China desenha um cenário vibrante e em contínua transformação. Ainda que imersos num turbilhão de globalização crescente e intercâmbio cultural, nas academias chinesas, os estudos de tradução galopam a passos largos, enraizando-se firmemente. Neste quadro, o cultivo de tradutores e intérpretes qualificados emerge como um desígnio prioritário, com uma demanda crescente em áreas tão diversas como negócios, ciência, tecnologia e diplomacia. Os avanços tecnológicos dos estudos de tradução, desvelam ferramentas e recursos inovadores que redefinem os horizontes do possível. A tradução assistida por computador e a inteligência artificial lançam novas luzes sobre os processos tradutórios, desafiando e inspirando os tradutores a explorar novas fronteiras de criatividade e eficácia. Em síntese, os estudos de tradução na China florescem como um jardim de possibilidades, onde o saber e a criatividade se entrelaçam, inspirando uma nova geração de tradutores a traçar os caminhos do futuro com destemida audácia.

## **Bibliografia**

- André, C. A. (2017). *O português na China—um caso de sucesso*. Universidade do Minho.
- Boucher, D. J. (1996). *Buddhist translation procedures in third-century China: a study of Dharmarakṣa and his translation idiom*. University of Pennsylvania.
- Cheung, M. (2006). *An Anthology of Chinese Discourse on Translation: From Earliest Times to the Buddhist Project (volume 1)* Manchester: St Jerome.
- Chi, L. (2019). *Modernization Through Translation: A Study of Science Translation in China (1890s–1900s)*. *Translation Studies in China: The State of the Art*, 55-75.
- Eco, U. (2000). *Experiences in translation*. University of Toronto Press.
- Gentzler, E. (2001). Contemporary translation theories (Vol. 21). *Multilingual Matters*.
- Gongyan, J about 1000 b.c Zhou Li (The Rituals of Zhou)
- Hevia, J. L. (2003). *English lessons: The pedagogy of imperialism in nineteenth-century China*. Duke University Press.
- Kefei, W., & Fan, S. (1999). *Translation in China: A motivating force*. *Meta*, 44(1), 7-26
- Lambert, J. (1995). *Translation, systems and research: The contribution of polysystem studies to translation studies*. *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, 8(1), 105-152.
- Liu, L. H. (1995). *Translingual practice: Literature, national culture, and translated modernity—China, 1900-1937*. Stanford University Press.
- Liu, L. H. (2006) *Clash of Empires: The Invention of China in Modern World Making*.
- Lopez, D. S. (2016). *The lotus sutra: A biography*. Princeton University Press.
- Mair, V. H. (2012). *What is Geyi, after all?*, *China Report*, 48(1-2), 29-59.
- Solomon, J. (2008). *Review of Lydia H. Liu, The Clash of Empires: The Invention of China in Modern World Making*. *Bryn Mawr Review of Comparative Literature*, 7(1), 2.
- Venuti, L. (1996). *O escândalo da tradução*. *Tradterm*, 3, 99-122.

Watson, B. (2019). *Records of the grand historian of China*.

Zhong, W. (2003). *An overview of translation in China*. *Translation journal*, 7(2), 7.